

Cardápio

RUY DE CARVALHO - Professor Doutor em Filosofia - UECE

BEBIDA

Bárbaro no Mesmo

ENTRADA

Cínico ao Dente

PRATO PRINCIPAL

Mendigo de Cioran ao Molho Tartárico

SOBREMESA

Rapadura a Flusser

BEBIDA

Bárbaro no Mesmo

A pátria do apátrida é o outro.

Vilém Flusser

Bárbaro, para um grego clássico, é todo aquele que não se movimenta e não habita o território traçado pela língua grega, que não é meio de passagem e hospedagem da visão grega do mundo, em suma, que vive fora da muralha do logos. Por isso não domina e não fala o grego, mas o balbucia, pois bar-ba-ro. Gagueja e engole as palavras gregas antes de mastigá-las saudavelmente. Não fala porque não conhece o grego, não tem intimidade com o logos, pois é estrangeiro na pátria da lógica; não sabe o logos porque não saboreia o que é visto por este e neste, isto é, o ser, o mundo, tudo; é, assim, alijado a um só tempo da cultura e da casa, do aconchego do oikos.

O bárbaro é aquele que, por ignorar o logos, é também cego para tudo aquilo que somente por meio dele se pode ver e contemplar, sendo, portanto, além de mudo, infantil ou bestial, cego e tateante, desorientado no mundo topografado e arquetizado pelo logos; sem norte e sem rumo. Mas, uma vez que logos não é apenas fala e acesso ao ser mas também ordem, luz e rigor, então o bárbaro, além de mudo e cego, é surdo à harmonia do mundo, apático à sonoridade do logos, desajeitado e desengonçado na arrumação impecável da lógica.

Bárbaro é aquele que não tem pátria nem morada no país do Mesmo, por isso ele é sempre o diferente, aquele que difere do que é Medida, do que está civilizado, do que tem pátria e dos que se identificam com os que têm pátria. Ele é apátrida, estrangeiro, sua morada é o Outro, sua fala é sem sentido, sua visão é curta e só ouve e produz grunhidos, ruídos, barulhos. Se não fala porque não sabe o sem-sabor do logos, e se não sabe porque não vê e não contempla o ser/kosmos iluminado pelo logos, o bárbaro então também carece de história. Por não pertencer à comunidade dos logoi, não comunica o logos e não reconhece o movimento das coisas do mundo no logos. Como não compartilha, não vivencia, não sabe, não comunica e não memoriza o logos, o bárbaro é aquele que se define e se constrói como o que esquece, o que não aprende, o que não teoriza, o que não saboreia, o que não guarda nem retém, o que nunca se detém, o que nada reconhece e o que em tudo se perde.

É assim que, filho do indizível e da desordem, irmão do esquecimento e da opinião, o bárbaro é aquele que difere e gesticula, balbucia e estiliza. Homem do gesto e da mímica, o bárbaro é aquele que representa e imita e, por isso mesmo, aquele que continua marginal, aquele que não corre no leito e que não anda na ordem, mas perambula na borda, que disfarça e faz pose e que, mesmo quando aprende o logos, quando consome o idêntico, acaba por embebedar-se com o desejo do outro.

O bárbaro, por outro lado, é aquele que se tenta adequar, aprumar e esculpir mas que, por isso também, aquele que sempre sobra, que escorre, aquele que se não transborda e esquece a medida é porque já duplo, já morno, já ido.

É assim que o bárbaro sempre flui e excede, ri quando fala e dança quando anda, quase nunca evoca mas provoca e convida quando olha.....aquele que não fala porque não sabe....e não sabe porque não vê....

é bárbaro na Grécia
é estrangeiro na Europa
é imigrante na América
é retirante em Fortaleza
é paraíba em São Paulo.

ENTRADA

Cínico ao Dente¹

A coincidência do real com ele mesmo, que é, de um certo ponto de vista, a própria simplicidade, a versão mais límpida do real, aparece como o absurdo maior aos olhos do iludido, isto é, daquele que apostou, até o fim, na graça de um duplo. Um real que é apenas o real, e nada mais, é insignificante, absurdo, idiota....

Clément Rosset

Decaído da Constelação do Cão, o cínico torna-se perigoso a partir de 27 de julho, dia em que sua estrela está mais brilhante e em que o Sol jorra seu fogo quente mais próximo à Terra e inaugura, desta maneira, uma canícula em que eles, os cínicos, os cães estão mais propícios a morder, sem motivo aparente, a todos os que acreditam na suposta fidelidade balofa e gratuita destes descendentes de Cérbero. Pois o fato é que um cínico assemelha-se a um cão; cultuaria mesmo um certo cão branco e mitológico, que teria se servido da carne a ser ofertada em sacrifício ao quase-deus Hércules, o que teria provocado, justamente, o soerguimento de uma estátua em sua homenagem, junto àquela dedicada a Hércules, seu eterno companheiro. Interessante genealogia, pois, a desse andarilho e pedagogo da simplicidade! Ter Hércules e Cérbero em sua ascendência torna mais clara sua singela e insistente crença na idiotice do real.

O pai do despudor, da paródia, da provocação e da sátira tem por sua prole uma afeição sincera e desapegada. Ele, o cínico, é aquele que, por não poder acreditar em duplos, apega-se à simplicidade movente do real, à solidão de ser único do mundo, à idiotice do filho sem irmão. Para ele, esse bárbaro sem civilização, o real é a materialização de uma natureza idiota, pois sem sobrenatureza e sem utopia. Primo comediante do bárbaro, ensina a este a dominar aquilo que lhe pertence, isto é, o mundo; a sentir-se em casa em todo lugar e a ser estrangeiro em todo porto. Aprendizado difícil e que requer a disposição psicológica do louco, a economia artística do mendigo e a estética formadora do bufão. Trata-se de incorporar, por meio de árduos exercícios, a indiferença canina e o discernimento natural dos cães; aprender a tortuosa arte da frivolidade e do parasitismo profissional, da indiscrição ensaiada e da transgressão didática, da coragem da luta pelo direito à má fama e pela fortaleza que coloca acima, e não abaixo, da vergonha.

1 Este texto é uma pequeníssima parte de um artigo intitulado: *De Kynismus a Zynismus: Ou do latido pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran*, presente no livro *Emil Cioran e a Filosofia Negativa: homenagem aos 100 anos de seu nascimento*, organizado pelo Prof. Deyve Redyson e publicado pela Editora Sulina.

Pedagogo e médico por excelência, o cínico ensina o estilo que faz festa quando ofende e balança o rabo enquanto morde; não ginecologista-obstetra como seu avô Sócrates, mas clínico como seu sobrinho Sexto, faz da ironia a fonte de sua terapia e da filosofia sua farmacopéia.

Individualista e idiota, compra a liberdade pelo sacrifício da própria imagem e, miserável e lúcido, negocia o pão em troca do desprezo e da repulsa dos que dele conseguem leveza por meio do riso. Mestre do improvisado e do repente desencantado, ele é o pai de todos os que amam o fragmento e o espírito instantâneo e, assim, à camisa de força sem graça do Sistema hegeliano, rivaliza tecendo uma ágil e confortável túnica colorida, pois Hegel, que no país da cerveja fermentava tédio, ainda não conseguia, mesmo vinte séculos depois, suportar aquela paidéia erótica de uma Hiparquia ou a risada desfiguradora de Diógenes.

O cínico é sempre aquele com quem podemos aprender por meio de gestos a arte de filosofar por meio de anedotas e histórias emblemáticas; aquele que estiliza e incorpora o pensador no mendigo e que exercita no próprio corpo a dura disciplina da autarquia, da autonomia e da liberdade; aquele que se permite a confusão dos gêneros e a aprender com a peripatética da noite e o sacerdote do desequilíbrio, ou seja, com a puta e o bêbado.

Aquele que reside fora da cidade mas não é bárbaro, aquele que quando servo domina a arte de comandar homens, aquele que filosofa quando ri e domina a pedagogia do peido e da cópula sem vergonha, aquele que faz de si campo de batalha e manipula a manhosa técnica da fuga, aquele que sabe morder e saboreia latir....este, aquele é quem nos ensina a escorregadia e difícil arte de conhecer com os dentes e reconhecer com o nariz; aquele, este.....o Cínico ao Dente.

PRATO PRINCIPAL

Mendigo de Cioran ao Molho Tartárico

Ao ser perguntado por que as pessoas dão esmolas aos mendigos, mas não aos filósofos, Diógenes respondeu: “Porque pensam que podem tornar-se um dia aleijados ou cegos, porém filósofos, nunca”.

Diôgenes Laértios

Não apenas o Oceano Atlântico me separa de Cioran, mas também os Alpes, alguns velhos rios como o Reno e o Danúbio e, o mais tortuoso, enigmático e simbólico dos obstáculos: os Cárpatos. Para que aponta a Transilvânia? O que mesmo ela separa e por ela adentramos? Como esse humor balcânico e essa religiosidade atéia podem servir de condimento para a elaboração dessa iguaria que tem na base um Mendigo e por molho o caldo do inferno, isto é, do Tártaro?

Todo o Atlântico com seus odores, seus sabores e sua maresia gordurosa; a baixa pressão e a secura dos Alpes, os vinhos e carnes do Reno; a difícil salada gótica do Danúbio, tudo isso teria talvez que ser assimilado para se ter estômago para Cioran. Em lugar de tudo isso, aguardente nordestina de gosto mais que duvidoso, mas efeito garantido; guisado de bode e cozido de vísceras de boi, porco e carneiro; aridez do clima e sonolência úmida do mar equatorial; Conde Drácula e Cangaceiro Lampião, bispo ortodoxo e padre Cícero, Mircea Eliade e Patativa do Assaré; como? Por que não? Assombro e reencontro, ateísmo e gnosticismo, desencanto e ladainha, lucidez e humor nordestino: que condimentos! Vamos ao fogo, que venha a música, verta-se o vinho, derrame-se/oferte-se o “do santo”.... e prepare-se o prato!

É numa carta a Savater que Cioran nos apresenta aquele que será aqui temperado, cozido e degustado ao molho do Tártaro. Durante anos um certo mendigo visitou Cioran e lhe fazia perguntas sobre Deus, a matéria, o mal....sem que nunca obtivesse resposta. Cioran nos conta que nunca conheceu ninguém mais possuído e obcecado pelo insolúvel e pelo inextricável e que, um certo dia, alquebrado pelo desalento, lhe confessou, entre outras coisas, que merecia exatamente a vida que levava e sua condição de mendigo. Cioran lhe disse que, naquele momento, ele era, para ele, o maior filósofo de Paris, pois que havia se alçado ao mais elevado grau de insegurança.

Como se prepara um mendigo-filósofo-mendigo? A massa de um mendigo-filósofo não pode ser preparada com letras; ela é feita de acidentes, de circunstâncias, de conversações, de fracassos, de desesperança, de desencantos, de obsessões nauseantes, de uma certa capacidade de neutralidade na doença e.....de um generosa pitada de insônia. Os acidentes dão a textura e densidade da carne, fabricam-lhe os sucos e veias e mostram por onde a faca deve seguir para cortar-lhe adequadamente; as circunstâncias fortalecem as extremidades da peça e propiciam a fixação da gordura na quantidade

correta; as conversações garantem o frescor e a rigidez da matéria do mendigo-filósofo; os fracassos garantem a umidade da carne e seu sabor refinado e único; as desesperanças e desencantos são responsáveis pela fixação do gosto e pela maciez do prato; as obsessões nauseantes é que dão a cor à carne e a doença garante a vitalidade e a validade da peça.

Mas o fato é que por mais que o nosso mendigo caminhe, que se exercite na arte da invisibilidade, que ritualize o gesto, que se esforce em não perturbar a sóbria indiferença do outro, que teça sua pele impermeável ao desprezo e à miséria, que tonifique sua alma vendendo dignidade e comprando vergonha; o fato é que nada disso funciona muito bem porque o sabor forte do Tártaro só penetra profunda e duradouramente nas carnes insones.

A insônia, como a arte de aproximar o dia do eterno, já que impede a duplicação do dia pela exigência da permanência no Mesmo, impõe o abandono das esperanças voltadas ao por vir que não virá, e obriga a uma ruminação sem fim nem consolo sobre aquilo que não tem Outro, isto é, todas as coisas. É por meio deste quase-mágico tempero que o mendigo-filósofo de Cioran deixa-se acompanhar tão bem do molho tartárico, uma vez que esse tem, em comum com aquele, a unicidade, singularidade, permanência na mudança e incompatibilidade com o duplo.

É ainda à insônia que devemos o sabor trágico-dissonante da lembrança, a impressão de condenação à memória dos tempos; é ela, a insônia, que, exagerando pedagogicamente o gosto de agora da carne, termina por arrancar do esquecimento a acidez do imediato e por fazer salivar o desencanto alegre da vigília. Por ela os outros ingredientes do mendigo-filósofo podem encontrar seu lugar e valor, seu sentido, pertença e paixão.

Assim, temperando nosso mendigo e o cozinhando até o ponto em que ele desgruda do garfo como mendigo-filósofo, podemos adicionar-lhe o molho preparado com água do Tártaro até à consistência de mendigo-filósofo-mendigo; lembrando de mexer ininterruptamente e de esperar o tempo em que o mendigo-filósofo possa ir e voltar ao Tártaro. É importante não parar de mexer pois somente obtemos mendigo-filósofo-mendigo de mendigo-filósofo se evitamos a imutabilidade ou a imobilidade; do contrário o prato cristaliza em forma de pequenos sistemas de placas de gosto azedo e bastante indigesto, o que pode provocar séria flatulência, prisão de ventre e conseqüente enfezamento, isto é, rabugice, azedume e uma certa tendência à demência nostálgica e depressiva.

No mais, dentre todos os pratos que se pode apreciar com simplicidade, honestidade e sem esperanças vãs, além de ser talvez o único que não apenas pode mas deve ser feito na hora e por aquele que irá apreciá-lo, creio que o Mendigo de Cioran ao Molho do Tártaro é a melhor opção, já que a única que se pode comer aqui, agora, acordado, com os amigos.....

SOBREMESA

Rapadura a Flusser

O outro não era um espelho, mas um destino.

Eduardo Viveiros de Castro

Voltando da Romênia podemos passar pela Tchecoslováquia e resgatar um judeu de língua alemã que foge da besta loura que segura o leme do Über alles e que, além de conhecer de perto e de trás pra frente a história de ninguém menos que o Diabo, o que nos convém, porque estamos vindo da terra do Conde Vlad e do farto banquete do Mendigo de Cioran, ainda tem amores pela nada simples Terra Brasilis.

Mistura de estrangeiro/bárbaro, mendigo-filósofo e engajado não-militante, este conterrâneo de Kafka será nossa sobremesa rápida, energética e nordestina. Antes de tudo, cuidado! Pois ele, como a rapadura feita em sua homenagem, pode tanto quebrar os dentes como adocicar a tarde e facilitar o riso, adormecer o espírito e disponibilizar os membros como provocar diarréia.

Flusser conseguiu, assim como a rapadura, um feito notável: vigor, simplicidade, naturalidade, desprezo e esquecimento pelas nadificações encarnadas. As nulidades, que se nutrem do exotérico e do exógeno, perdem aos poucos a força do bom ácido gástrico para digerir tanto suas rapaduras flusserianas quanto suas ofensas quotidianas. E o fato é que é preciso ter a disposição de um Diógenes para suportar os amaldiçoamentos de Flusser e uma talagada de rapadura.

Em todo caso, daqueles que já se encontram sonolentos pelos balbucios bárbaros, pelas imprecações, sátiras e provocações cínicas e pela leveza densa do mendigo de Cioran ao molho tartárico, me despeço com um tiquin de rapadura e uma talagadinha de cana que é pro mode de se fazer uma digestão que preste e compatível com o balançar da redinha.....Já deu por hoje.

BIBLIOGRAFIA

Beba e consuma com moderação!